

INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS

CARL GUSTAV CARUS nasceu em Leipzig em 1789 e faleceu em Dresden em 1869. Foi médico, fisiologista, filósofo, artista plástico e teórico da arte, tendo sido um dos principais expoentes do Romantismo tardio alemão e amigo pessoal de Goethe, sobre quem escreveu diversos trabalhos. Como artista, foi aluno e discípulo dos pintores Caspar David Friedrich e Julius von Carolsfeld. Ensinou medicina em Dresden e foi médico pessoal do rei da Saxônia Frederico Augusto II. Intelectual prolífico de múltiplos e variados interesses, escreveu e publicou extensamente sobre psicologia, metafísica, medicina, fisiologia, zoologia, anatomia comparada, teoria da evolução, arte e arquitetura, além de fisiognomia, literatura de viagem e traduções.

O ESQUECIMENTO E A HISTÓRIA a psicologia do inconsciente de Carl Gustav Carus¹

Richard Theisen Simanke²

RESUMO: O livro *Psique: sobre a história do desenvolvimento da alma*, de Carl Gustav Carus é uma das obras mais importantes, influentes e reconhecidas do autor. Destaca-se, sobretudo, pela centralidade e alcance que dá, de forma pioneira, à noção de inconsciente, constituindo-se em referência significativa e direta para autores como Groddeck e Jung e, indiretamente, para todo o campo da psicologia e da psiquiatria dinâmica. Apesar de sua importância histórica e filosófica, a obra permanecia inédita e praticamente desconhecida no país. A tradução recentemente publicada por Sidnei Vilmar Noé, professor e pesquisador de psicologia e filosofia da religião da UFJF, vem preencher esta lacuna.

Palavras-chave: Carus. Romantismo. Filosofia alemã. História da psicologia. Inconsciente.

“Uma ciência que hesita em esquecer seus fundadores está perdida”, disse Alfred North Whitehead (1917, p. 115). Pode-se entender esta afirmação no sentido de que o amadurecimento de uma disciplina científica passa por uma despersonalização de suas teses essenciais e de seus fundamentos conceituais e metodológicos, na medida em que seja alcançado um consenso básico quanto a estes aspectos definidores de uma prática científica, de forma minimamente uniforme e coesa no âmbito de uma comunidade de pesquisadores. Para dar alguns exemplos, nenhum físico se apresenta mais como “newtoniano” ou “einsteiniano”, mas alguns biólogos ainda consideram necessário se identificarem como “darwinistas” ou como seguindo alguma filiação doutrinária alternativa, e a maioria dos psicanalistas define sua posição clínica e teórica através dos rótulos “lacaniano”, “kleiniano”, “winnicottiano” etc. O grau com que este tipo de adjetivos se mantém ou desaparece da retórica científica serve como um termômetro do nível de maturidade de cada ciência.

Mas há outro tipo de esquecimento que pode caracterizar a historiografia destas disciplinas. Na exata medida em que os nomes próprios dos pais fundadores precisem ser preservados, ocorre, simetricamente, a obnubilação de seus predecessores e dos pensadores que os influenciaram, a partir de cujos empréstimos construíram as teorias que vieram a distingui-los. Este esquecimento estratégico cumpre, é claro, a função de fazer ressaltar a originalidade das obras inaugurais. Uma diferença análoga à primeira se manifesta no plano da história das ciências. Um historiador da física ordinariamente não verá problemas em, por exemplo, reconhecer a dívida da teoria galileana do movimento para com a física do impetus dos escolásticos parisienses do século XII e perseguir seus efeitos na construção das teorias que deram forma à física moderna. Os historiadores da psicanálise, em contraste, frequentemente insistirão em que Freud

“descobriu” o inconsciente, fazendo vistas grossas para a imensa literatura psicológica, médica e filosófica que, desde o século XVIII pelo menos, fez do inconsciente um dos pilares de sua visão da mente, do comportamento, da vida e, até mesmo, da estrutura da realidade como um todo. Apesar dos esforços mais recentes para resgatar esses pensadores e suas obras do esquecimento³, muito ainda resta a fazer, e não apenas no âmbito da historiografia das disciplinas que fizeram do inconsciente o núcleo de seus discursos teóricos – como a psicanálise ou a psicologia analítica, por exemplo –, mas também na história da psicologia, da filosofia e da medicina e, numa perspectiva mais ampla, na história das ciências como um todo.

No contexto desta “historiografia do inconsciente” (Ffytche, 2012, pp. 1-34), o pensamento do filósofo, fisiologista e artista germânico do século XIX Carl Gustav Carus (1789-1869) é, com certeza, um dos que ainda mais permanece nas sombras. Embora a ideia de inconsciente estivesse presente de uma maneira ou de outra nos mais diversos ramos do conhecimento desde a aurora do pensamento moderno, pode-se argumentar que Carus tenha sido o primeiro autor a fazer deste conceito o fundamento e o eixo de sua teoria da mente e se candidata, assim, ao título de primeiro teórico do inconsciente no sentido forte da palavra (Bell, 2005). Um intelectual de múltiplos e variados interesses artísticos, científicos e filosóficos, amigo de Goethe e herdeiro tanto do racionalismo leibniziano quanto do pensamento romântico em suas diversas facetas, Carus fez da psicologia um dos focos principais de sua investigação e reflexão, desde suas conferências sobre o tema, publicadas em 1831, passando por sua *Psique* de 1846 – sua obra mais conhecida e de maior repercussão –, até os estudos em psicologia comparada que o ocuparam já próximo ao final de seu itinerário intelectual (Carus, 1831; 1846/1851; 1866). Embora influente a princípio, a psicologia de Carus perdeu pouco a pouco seu reconhecimento nas décadas finais do século XIX, quando seu estilo especulativo, derivativo e enciclopédico passou a contrastar com os princípios e métodos da psicologia experimental que então se afirmava, e o autor passou a ser lembrado mais por suas contribuições à medicina e à história natural do que como um investigador e teórico da mente. Mesmo assim, sua influência se fez sentir em pensadores importantes como Carl Gustav Jung – que reconheceu explicitamente sua dívida para com Carus – e Georg Groddeck, através do qual se estendeu também a Freud. De fato, podem-se ouvir ainda as reverberações do inconsciente de Carus no conceito de “isso” (das Es) que Groddeck transmitiu à psicanálise.

O conceito de inconsciente é o pilar tanto da psicologia quanto do pensamento metafísico de Carus. Seguindo os passos do anticartesianismo de Leibniz – sobretudo na crítica à sua visão mecanicista da vida e dos organismos –, assim como da *Naturphilosophie* de Schelling, Carus rejeitava a distinção absoluta entre o orgânico e inorgânico, entre a mente e o mundo natural, e considerava que a tarefa da psicologia era reconstruir a emergência da consciência a partir do núcleo inconsciente da natureza. Segundo Bell (2010, p. 163), “em psicologia, o objetivo de Carus seria descobrir a produtividade inconsciente desconhecida por trás de toda consciência”⁴ Para este fim, ele opunha sua abordagem genética – que se propõe a reconstruir os vários estágios da evolução do ser desde a matéria inanimada até a consciência racional e a autoconsciência – à perspectiva analítica da psicologia das faculdades de Christian Wolff, juntando forças a um movimento que caracterizava o idealismo germânico desde Kant. Esta abordagem genético-evolutiva lhe permitiu ainda avançar uma das primeiras formulações da tese de que “a ontogênese recapitula a filogênese”, que Haeckel depois converteria num princípio universal e transmitiria a pensadores tão distintos no campo psicológico quanto Maudsley e Stanley Hall, além, evidentemente, de Freud e Jung (Hoffer, 1992).

Carus, no entanto, não proporia apenas uma teoria da gênese do inconsciente, mas também de sua estrutura. Desde suas conferências de 1831, ele distingue entre um inconsciente absoluto – que corresponderia à base biológica, não individualizada da mente – e um inconsciente relativo, já correspondendo a certo grau de individualização, embora uma modulação rigorosamente pessoal da vida mental só fosse atingida com a emergência da atividade consciente e, mais ainda, no plano da consciência de si. Seu inconsciente relativo corresponde à maior parte de nossa vida mental e representa toda a experiência consciente que tiver sido esquecida ou não esteja presente no campo da consciência num momento dado, identificando-se, assim, com o domínio da memória potencial. Além dos conteúdos que pertenceram à consciência e dela foram excluídos, o inconsciente relativo consiste também num estágio prévio do processamento do material

psíquico antes que ela possa adquirir as propriedades que lhe franqueiem o acesso à apercepção consciente. É difícil, ao considerar estas hipóteses, não pensar nas distinções freudianas entre o inconsciente e o pré-consciente ou entre o inconsciente originário e o inconsciente reprimido, ainda mais se levarmos em conta que, para Carus, é do inconsciente relativo que se originam os sonhos, formados tanto pelo conteúdo que emerge do substrato biológico da mente quanto pelos restos da experiência consciente diurna que o sono faz mergulhar neste nível mais básico da atividade mental.

Gödde (1999/2009) identifica três tradições principais nas abordagens do inconsciente no pensamento germânico do século XIX: um inconsciente cognitivo, que remonta a Leibniz e que, segundo Sand (2014), teria sido a visão predominante do inconsciente até o advento da psicanálise; um inconsciente romântico, que deriva da filosofia natural vitalista do romantismo; e, por fim, uma visão do inconsciente que emerge na tradição do idealismo pós-kantiano, repercutindo mais tarde principalmente nas filosofias de Nietzsche e Schopenhauer. Gödde considera Carus como o grande sistematizador da tradição romântica do inconsciente, sobretudo em seu *Psique*. No entanto, Bell (2010, p. 159) diz de Carus que “seu inconsciente é uma forma de sistema de processamento biológico de informação”, aproximando-o, assim, também da tradição do inconsciente cognitivo, mesmo que sem desconhecer sua clara filiação ao pensamento romântico. Esta variedade de interpretações sinaliza a complexidade das teorias do autor e o quanto resta de exegese a ser feita para dele alcançar uma compreensão mais cabal⁵.

Em que pese o interesse histórico, filosófico e psicológico de suas ideias, o pensamento e a vida de Carl Gustav Carus são praticamente desconhecidos entre nós e raramente estudados, tanto na pesquisa filosófica quanto em história da psicologia. Suas obras foram raramente reeditadas e, até recentemente, não contavam com nenhuma tradução em nossa língua, dificultando ainda mais o seu acesso ao leitor ou, mesmo, ao pesquisador profissional. Esta situação começa a ser remediada agora com o lançamento, em 2021, da tradução completa, diretamente a partir do original germânico, da opus magnum de Carus: o seu *Psique*: sobre a história do desenvolvimento da alma. Empreendida pelo professor e pesquisador em filosofia e psicologia da religião da Universidade Federal de Juiz de Fora Sidnei Vilmar Noé, esta publicação consiste certamente num trabalho notável, dada a extensão do livro e as dificuldades envolvidas em verter para outra língua uma obra assim complexa, que mobiliza uma ampla pluralidade de disciplinas em seu intento de formular uma teoria simultaneamente psicológica, metafísica e teológica da alma. Noé se encontra, de fato, duplamente habilitado para a tarefa. Em primeiro lugar, sendo descendente de imigrantes e tendo o alemão como língua materna, passou, além disso, longo tempo em solo germânico para fins de formação acadêmica e prosseguimento de seus estudos filosóficos e teológicos. Em segundo lugar, como pesquisador, tem-se dedicado, sobretudo, ao pensamento alemão dos séculos XVIII e XIX e, mais especificamente, a uma arqueologia do conceito de inconsciente no âmbito deste contexto intelectual, explorando o que ele mesmo denomina como “a pré-história psicofilosófica do conceito de inconsciente, anterior ao advento da Psicologia do Profundo” (Noé, 2013, p. 178) – ou seja, uma corrente de pensamento que encontraria sua culminância em autores mais recentes e celebrados, como Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, para mencionar apenas os mais conhecidos. Ajustando-se ainda mais o foco sobre seus interesses de pesquisa, Noé é o único pesquisador brasileiro a ter-se dedicado diretamente ao pensamento de Carus e publicado trabalhos a este respeito (Noé, 2015; 2018).

Trata-se, portanto, de uma tradução garantida por um conhecimento profundo da língua original da obra traduzida, do ambiente filosófico e intelectual em que ela se produziu e, especificamente, do autor em questão. Além da elegância e do rigor da tradução – que preserva, além disso, o sabor arcaico do estilo de Carus –, a publicação traz notas explicativas concisas e instrutivas, que trazem para o leitor as informações imprescindíveis para a compreensão do sentido dos argumentos e das alusões e referências, frequentemente implícitas, que pontuam o texto. Ela torna assim mais acessível uma obra fundamental que, de outro modo, permaneceria ao alcance apenas de especialistas familiarizados com a história e a filosofia da psicologia e capazes de decifrar o alemão tortuoso dos eruditos germânicos do século XIX. É, sem dúvida, uma contribuição decisiva para a historiografia nacional do inconsciente e, em sentido mais amplo, da psicologia, como um todo – uma área de conhecimento que, entre nós, certamente pode muito se beneficiar

de mais trabalhos realizados com o talento e a competência deste que aqui se apresenta. O pesquisador prepara já outras traduções de obras de Carus igualmente inéditas em nossa língua e, possivelmente, de outras filosofias do inconsciente, como a de Eduard von Hartmann, por exemplo.

Se Whitehead apontava para a necessidade de uma ciência madura “esquecer” programaticamente seus fundadores, George Santayana observou, num aforismo célebre, que “aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo” (Santayana, 1906, p. 284). O conhecimento da história da psicologia – e da história do inconsciente, em particular – pode, assim, não apenas evitar que cada pesquisador seja levado a reinventar a roda acreditando ser inovador ou original, mas também permitir ao filósofo e ao historiador uma compreensão mais profunda e abrangente dos sistemas de pensamento que elegeu como objetos de sua pesquisa, incluindo em suas análises aquilo que devem a seus predecessores e a maneira como assimilaram, modificaram ou rejeitaram suas ideias. Em suma, tanto esquecer quanto lembrar têm sua função em história e filosofia da ciência e trabalhos como o de Sidnei Noé são essenciais para que estas disciplinas possam cumpri-la.

Resenhado por: Richard Theisen Simanke2
(richardsimanke@uol.com.br)

Em: ELEUTHERÍA – Revista do Curso de Filosofia. Volume 07, Número 12, Ano 2022
https://www.researchgate.net/publication/365482628_O_ESQUECIMENTO_E_A_HISTORIA

BIBLIOGRAFIA.

- BELL, Matthew. The German tradition of psychology in literature and thought (1700-1840). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005
- BELL, Mathew. Carl Gustav Carus and the science of the unconscious. In: A. NICHOLLS, Angus & LIEBSCHER, M. Thinking the unconscious: nineteenth-century German thought. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2010, pp. 158-172.
- CARUS, Carl. G. Vorlesungen über Psychologie: gehalten im Winter 1829-1830 zu Dresden. Leipzig: Verlag von Gerhard Fleischer, 1831.
- CARUS, Carl. G. Psyche: zur Entwicklungsgeschichte der Seele. Pforzheim: Flammer und Hoffmann, 1846.
- CARUS, Carl. G. Vergleichende Psychologie oder Geschichte der Seele in der Reihenfolge der Thierwelt. Wien: Wilhelm Braumüller, 1866.
- CAZETO, Sidnei. J. A constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do século XIX. São Paulo: Escuta, 2001.
- DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. O anti-Édipo. São Paulo: Editora 34, 1972/2011.
- ELLENBERGER, Henri. The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry. New York: Basic Books, 1970.
- FFYTCHÉ, Matt. The foundations of the unconscious: Schelling, Freud, and the birth of modern psyche. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2012.
- FROES, Henrique. Rumo ao inconsciente psicanalítico: das origens do conceito às primeiras elaborações freudianas. Lisboa: Placebo Editora, 2013.
- GÖDDE, Günter. Traditionslinien des « Unbewussten » : Schopenhauer, Nietzsche, Freud. 2a. ed. Giessen: Psychosozial Verlag, 2009.
- HENDRIX, John. S. Unconscious thought in philosophy and psychoanalysis. London: Palgrave MacMillan, 2015.
- HOFFER, Peter. T. The concept of phylogenetic inheritance in Freud and Jung. Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 40, pp. 517-530, 1992.
- NICHOLLS, Angus. & LIEBSCHER, Martin. Thinking the unconscious: nineteenth-century German thought. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2010.
- NOÉ, Sidnei. V. Am Anfang war das Es: zur psychophilosophischen Vorgeschichte der Unterscheidung von

- Bewusst und Unbewusst vor dem Aufkommen der Tiefenpsychologie. *Estudos Teológicos*, vol. 53, pp. 178-204, 2013.
- NOÉ, Sidnei. V. O inconsciente é a chave para o consciente: a psique humana segundo C. G. Carus. *Estudos Teológicos*, vol. 55, pp. 144-168, 2015.
- NOÉ, Sidnei. V. Quando a ideia se autorreconhece: psique e autoconsciência em Carl Gustav Carus. *Númen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, vol. 21, pp. 153-166, 2018.
- SAND, Rosemarie S. *The unconscious without Freud*. Lanham (MD): Rowman and Littlefield, 014.
- SANTAYANA, George. *The life of reason or the phases of human progress: Introduction and reason in common sense*. New York: Charles Scribner's Sons, 1906.
- TALLIS, Frank. *Hidden minds: a history of the unconscious*. New York: Helios Press, 2002/2011.
- VIAL, Fernand. *The unconscious in philosophy, and French and European literature: nineteenth and early twentieth century*. Amsterdam and New York: Editions Rodopi, 2009.
- WHITEHEAD, Alfred N. *The organization of thought: educational and scientific*. London: Williams and Norgate, 1917.
- WHYTE, Lancelot L. *The unconscious before Freud: a history of the evolution of human awareness*. New York: Basic Books, 1960

Volver a Artículos sobre Ferenczi
Volver a Newsletter 26-ALSF

Notas al final

- 1.- Resenha de Psique: sobre a história do desenvolvimento da alma, de Carl Gustav Carus. Tradução, apresentação e notas de Sidnei Vilmar Noé. Publicação independente. ISBN: 979-8728307273. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Psique-hist%C3%B3ria-desenvolvimento-Hist%C3%B3ria-Psicologiaebook/dp/B0913FY2YF>>.
- 2.- Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5431145327759147> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6405-8776>
- 3.- Entre os primeiros destes trabalhos, podem ser mencionados o estudo ainda relativamente amadorístico de Whyte (1960) e a pesquisa pioneira de Henri Ellenberger (1970). A literatura mais recente traz importantes contribuições (VIAL, 2009; NICHOLLS & LIEBSCHER, 2010; TALLIS, 2002/2011; FFYTICHE, 2012; SAND, 2014; HENDRIX, 2015, entre outras), mas a pesquisa sobre as origens e o desenvolvimento das teorias sobre o inconsciente nas diversas áreas de conhecimento em que esta noção desempenha um papel de destaque (literatura, filosofia, psicologia, medicina, ciências da vida etc.) é ainda incipiente no Brasil. Além dos trabalhos de Noé mencionados adiante, as poucas exceções são Fróes (2013) e Cazeto (2001).
- 4.- A ideia de um inconsciente como “produtivo”, e não apenas como o território da negatividade e da repressão, alcançaria a leitura crítica da psicanálise feita por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1972/2011), em parte baseada em autores do campo da psicologia profunda como Jung e Reich em que as ideias de Carus encontraram alguma espécie de sobrevida.
- 5.- Sobre o pensamento psicológico de Carus com especial atenção para sua visão do inconsciente, ver Bell (2010; 2005, pp. 212-221) e Ffytche (2012, pp. 197-204)